

## Depoimento

Balanço aos Sessenta: Entre a Cátedra de Pedro  
e a Cadeira de Galileu Galilei

*Leonardo Boff\**

Numa leitura de cego que apenas capta o que é relevante, ressalto dos meus sessenta anos de vida algumas saliências significativas. Elas contam não por aquilo que valem em si, mas pelas marcas que cravaram na consciência. São os chacras da ecologia interior onde se adensou um sentido de vida que, seguramente, é maior do que minha vontade e que, numa perspectiva de fé, tem a ver com o desígnio do Mistério. Assim creio.

Antes de qualquer consideração, sinto a urgência interior de agradecer a Deus pela existência. Até hoje não sei o que Deus quer de mim e a que me chamou. Nunca me propus um projeto específico. Vivo ao sabor do que me ocorre. Atendo a demandas que me são propostas. Talvez realize sem saber um desígnio divino que não conheço. Ou obedeça inconscientemente à vontade de um arquétipo seminal que por mim faz sua trajetória histórica. Morrerei inocente de

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade de Munique, RFA; professor visitante na Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF no primeiro semestre de 1999.

mim mesmo, mas cheio de curiosidade para saber como me encaixo no conjunto dos seres; e no propósito de Assis aprendi que não basta ter fé e ser ortodoxo. Precisamos ser bons, misericordiosos, ternos e fraternos. Importa unir ternura e vigor e fazer uma experiência de irmandade com todas as criaturas do universo, até com o feroz lobo de Gubbio. Minha gratidão à família franciscana é impagável e imorredoura.

Junto ao agradecimento à família carnal e espiritual ressoa em mim também o agradecimento à família amical, todos aqueles amigos e amigas, companheiros e companheiras de caminhada, que vão desde cardeais, leigos e leigas, intelectuais e artistas a calorosos membros pobres de comunidades de base que me ajudaram a crescer e que sempre estiveram ao meu lado nas minhas tribulações.

Trabalhei muito na vida e quero trabalhar até o fim. Vivi sempre um ciganismo teológico teórico, visitando incontáveis campos de saber e também um ciganismo prático percorrendo o mundo, mergulhando na miséria e na riqueza, entrando em incontáveis culturas do Ocidente e do Oriente e me encontrando com pessoas sem conta. Meus mais de sessenta livros testemunham meu labor que, na verdade, é pouco quando comparado ao que fazem os pobres e oprimidos, que trabalham e se afadigam para sobreviver e garantir o mínimo.

Atualmente, mais do que nunca, sinto o *tempus fugit*; o tempo foge irrefreavelmente. Há muitas coisas por fazer e outras tantas que nunca mais serão feitas, pois não há mais tempo e não vale mais a pena. Nunca mais o prometido tratado sobre a Igreja severina (*De severina Ecclesia*). Nunca mais completarei a trilogia sacramental. Fiquei apenas na *Minima Sacramentalia*. Talvez farei a *Maioria Sacramenta*, pois está praticamente pronta. Não tenho mais condições de fazer a *Practica Sacramenta*. E tantos outros temas pensados, já digeridos e não redigidos.

Ansioso caminho na direção da grande passagem. Parece-me que tenho pela frente não uma parede, o que seria falta de fé. Mas também não uma porta aberta, o que seria excesso de fé. Imagino-me ter pela frente infinitas janelas abertas que se abrem a

múltiplos cenários a serem ainda assimilados e percorridos a partir de um patamar mais alto de vida e de espiritualidade.

Desconfio da metafísica cristã convencional, vale dizer, da forma como a teologia cristã representa o quadro final da peregrinação humana: morte, juízo, purgatório, inferno ou paraíso. Vejo-a como uma projeção cultural de base ocidental greco-latina. Suspeito que continuaremos ainda a peregrinar por outros cenários espirituais e divinos. Não sei como. O fato é que nada está pronto, nem o universo, nem Jesus Cristo ressuscitado (porque seus irmãos e irmãs e o cosmo ainda não foram transfigurados), nem nós mesmos. Como então cair pronto nos braços da Mãe de infinita bondade, descansar e inaugurar a grande história?

Não passaremos antes pela clínica de Deus, onde aceleraremos todas as etapas dos tempos, faremos todas as curas, sanaremos todas as feridas do caminho e amadureceremos para o grande Encontro? A incerteza me deixa inquieto e inseguro como jamais antes na vida. Consolo os outros com explicações sobre a vida para além da vida. Muitos choram de alegria. E eu tremo por dentro de temor e de incerteza.

### Tempos da Sacralidade e da Totalidade

Em 1950 entrei, com 11 anos de idade, para o seminário, e fiz toda a trajetória de um candidato à vida franciscana e sacerdotal. Mais que num mosteiro, entrei numa totalidade sagrada. Aí se tenta viver uma Jerusalém celeste trazida às condições do mundo da irreconciliação e do fragmento. Tudo é organizado de tal maneira que a pessoa possa viver um *ordus novus*, um mundo reconciliado. Há um fio condutor que une todas as contas do rosário existencial: a busca da santidade e da perfeição. Há trabalho, estudo, lazer. Há conflitos, tensões e pecados. Os seres humanos não deixam de ser sim-bólicos e dia-bólicos. O dia-bólico quando emerge é mais perverso do que em qualquer outra instância. Mas apesar disso, o fio condutor perdoo, refaz e re-unifica. Há uma aura de sacralidade que vai até o

profundo da alma. Procura-se um encontro vivo com Deus. São infindáveis tentativas. Quase todas frustradas. Mas para todos acontece o dia de Jacó, quando irrompe o encontro. A ferida que fica permanece pela vida afora. É a marca registrada do ex-seminarista, do ex-clérigo e do ex-padre. Eles exalam uma aura que vem desta chaga sempre aberta, deixada por Deus. Ficamos mancos por dentro como Jacó. É a marca indelével do Deus que passou.

Fiz meus estudos colegiais, filosóficos e teológicos, mesmo em nível de pós-graduação em Munique, na Alemanha, imbuído deste *milieu divin*. Cheguei a mergulhar no mistério de Deus que me entrou medula adentro. Deixou infinitas saudades. Experimentei uma felicidade incomparável, nunca superada por nada no mundo. O efeito mais imediato é a absoluta liberdade interior e a ausência de todo medo. O amor-encontro-com Deus te enche de tal superabundância de sentido e de certeza que a vida se torna um brinquedo diante dos olhos do Deus-Mãe. Tudo possui asas e por isso é leve. O universo é jovial. Não andamos. Voamos.

### Sentir para pensar

Exerço a teologia como vocação. Ela foi e continua sendo minha fonte inesgotável de prazer. Mas desde cedo entendi a teologia como processo de desconstrução, construção e síntese. Por detrás de cada discurso teológico há uma experiência de Deus a ser decodificada. Só entendemos os discursos se descascarmos essa pele. Então chegamos ao cerne e ao sumo. Fiz desse processo de desconstrução o meu método permanente. Por isso nunca me dei bem com a análise e dissecação de textos. Para mim eles são apenas portas de acesso, que devem ser logo abertas para permitir a entrada na casa. Quando identifico a experiência latente busco formas de desfrutá-la, de interiorizá-la, de aprofundá-la e de traduzi-la para a percepção do nosso tempo. Aqui entra o trabalho de construção, geralmente utilizando categorias da cultura em voga. E esse trabalho de

construção é simultaneamente de sintetização entre categorias culturais atuais e as categorias tradicionais, entre o discurso da fé e o discurso do mundo. De tal sorte que sempre algo de nosso mundo entra no discurso da teologia. Bem diziam os antigos que a teologia é *ante et retro oculata*, quer dizer, possui um olho à frente e outro a trás. Bebe do passado mas se atualiza do presente.

Pelo fato de arrancar da experiência refeita e redita, meu discurso vem acompanhado de comoção. Há nele coração e não apenas razão. Não porque queira ou assim me proponha, mas porque sou assim estruturado e assim funciono por força da natureza e por mérito da graça.

Tenho procurado escrever uma teologia que evoque beleza, que tenha fluidez lingüística e inspiração poética. Na verdade, não procuro essa fórmula. Ela me vem naturalmente. E tanto mais forte quanto mais a experiência foi entranhada em mim. Estou profundamente convencido daquilo que dizia Santo Tomás de Aquino, que a poesia e a teologia nascem de uma mesma fonte: o *mirandum*, vale dizer, daquilo que evoca admiração, da capacidade de encantamento.

Esse método me tem permitido ser extremamente livre na teologia. Pois, quando mergulhamos na experiência latente, nos damos conta da insuficiência de todas as palavras que tentam traduzi-la. Superamos o fetichismo das fórmulas consagradas e nos fazemos criativos de outras.

Meus problemas com as instâncias doutrinárias do Vaticano se prendem a essa metodologia recriadora e atualizadora. Quem vem do cultivo reverencial das fórmulas dogmáticas e canônicas e da exegese meticulosa dos textos sagrados se escandaliza e tem dificuldade de encontrar nos meus textos a sua fé. Por isso tende a considerar tais traduções como traições, quando não simplesmente como heresias. Mas isso não me atinge. Contemplando o mistério, sorrio e passo ao largo.

Esta busca da experiência espiritual latente me convenceu de que a teologia sempre tem a ver com a vida das pessoas concretas, dessas que andam na rua. Nunca entendi a teologia

como tarefa acadêmica mas como uma cura d'almas. Mesmo quando fui rigoroso nos conceitos e no confronto erudito com a tradição. Para mim ela é, na verdade, uma analítica existencial à luz da Fonte originária de todo o ser.

Por causa desta vontade de resgate da experiência espiritual, tenho um carinho especial pelos místicos. Eles sabem do Mistério por tê-lo saboreado. Gosto dos místicos poetas. Ou dos místicos do fragmento luminoso como o mestre Eckhart ou Dag Hammarjöld, ex-secretário da ONU nos fins dos anos 60, morto na rebelião do Zaire. Suspeito dos místicos doutores do tipo São João da Cruz e Santa Teresa d'Ávila. Parecem-me complicados, minuciosos e pouco seminiais. Mas o que os salva a ambos são suas poesias místicas insuperáveis.

Mas a relação com os místicos de todas as vertentes ocidentais e orientais não tolhe meu próprio caminho. Dificilmente me convencem os místicos das penitências heróicas e dos árduos caminhos de purificação. Identifico-me com a mística franciscana. Ela é carnal e mundana. Abraça o mundo, acarinha as pessoas e se entenece com todas as criaturas. Descobre Deus misturado com todas as coisas. O *Deus meus et omnia* de São Francisco deve ser bem traduzido. Não é meu Deus e meu tudo, como se Deus fosse o tudo e a única realidade. Mas meu Deus e todas as coisas. Deus não quer que amemos somente a Ele. Quer que amemos a Ele e todas as coisas do universo, diferentes dele apesar de criadas e amadas por Ele.

### Teologia como Indignação e Enternecimento

O mergulho na experiência espiritual me tornou sensível à causa dos oprimidos que atualizam o Deus crucificado e negado na história. Fiz teologia cheia de indignação e também de enternecimento face à realidade dos pobres. Isso criou uma imagem na mídia de um teólogo irado e polêmico. Mas os que me conhecem descobrem que é apenas um lado, nem o principal. Sou normalmente terno e fraterno. Sinto-me bem no meio

dos pobres. Aprendo muito de suas expressões e me comovo às lágrimas vendo-lhes os pés e contemplando-lhes as mãos. Jamais esquecerei o encontro com um indígena *aymara* em Cochabamba, Bolívia, por ocasião de um encontro com bispos batistas nos meados dos anos 80. Não tinha pés. Era um pedaço de chão tórrido. Não tinha mãos, eram lenhas rudes do trabalho manual. Toda sua figura era a América Latina prostrada e negada. E contudo, ao rezar e cantar salmos, irradiava vida e vigor inimagináveis. Para mim a teologia da libertação nunca foi uma opção. Desde sempre foi a teologia natural, aquela que devia e deve ainda ser feita no contexto de opressão em que vivemos. Não me lembro de ter dado no Instituto em Petrópolis, nos vinte e dois anos que aí lecionei, um curso sobre teologia da libertação. Ela não era e não é tema, mas ótica a partir da qual se interpretam todos os temas, a cristologia, a graça, a antropologia, os sacramentos, enfim, todos os tratados teológicos.

### Quem Poderá Estar Contente com a Igreja?

Ocupei-me muito com a Igreja. Sempre de forma crítica, pois nunca estive contente com ela, especialmente na forma como se organiza institucionalmente. Ela se autofinalizou. Perdeu a memória de que é apenas um sacramento do Reino e que seu destino é desaparecer. As atitudes dos hierarcas revelam que a consideram como a galáxia principal. Nada existe para além dela. E a grande maioria tem incrustada nas suas atitudes e funções grande arrogância e excessiva auto-estima.

Lutei anos para mostrar prática e teoricamente que a Igreja pode se organizar de forma mais participativa. Que ela tem tudo a ganhar incluindo as mulheres nos corpos de direção. E que deve flexibilizar os ministérios para que deles participem também os leigos. As comunidades eclesiais de base dão disso a maior prova.

Mas Roma é refém da dogmática que ela mesmo criou. Mesmo querendo, não poderia mudar, porque criou suas próprias amarras: a vontade divina expressa nas determinações que ela

considera fundacionais e irrevogáveis: a hierarquia, o primado do papa, a divisão entre clérigos e leigos e a exclusão das mulheres dos ministérios. Tais divisões são tão descabidas e tolas que por si só desmentem sua pretensa origem divina. O que mais me dói é que este tipo de instituição nega a essência íntima de Deus-Trindade que é comunhão e pericórese. O que é verdadeiro na Trindade não pode ser falso na Igreja. Verdadeiro na Trindade é a coexistência da diferença das Pessoas na igualdade de uma mesma natureza de amor e de inter-retro-relação. Nenhuma Pessoa é mais ou menos que a outra. Todas são iguais em eternidade e infinitude. Na Igreja, ao contrário, se ensina que a divisão entre sacerdócio e laicato é essencial e que os ordenados no sacramento da ordem são mais que os outros. Por isso Pio X ensinava com razão e sem razão que a Igreja é sociedade de desiguais, feita pelos que mandam e pelos que, como ovelhas, obedecem. Isso não pode ser. O que é verdade num lado, na Trindade, não pode ser um erro no outro, na Igreja. Como então dizer que a Igreja é o sacramento da Trindade? Assim como ela se organiza não oferece aos cristãos uma experiência de Deus-Trindade-Comunhão. E pior, Roma em sua captividade dogmática, continuará repetindo seus cânones e dogmas, quem sabe, até o juízo final.

Estimo que a forma de superar os impasses institucionais da hierarquia é a sua carnavalização. Explico-me: prevejo um descenso gradual e irreprimível deste tipo clerical de Igreja, até o ponto em que afirmar todos os poderes do papa e dos bispos parecerá simplesmente ridículo. Será como no carnaval. A deslumbrante mulata da favela, que no dia-a-dia é doméstica de alguma família burguesa, nos dias de carnaval se veste de burguesa, melhor, de princesa ou de rainha. Desfila e brilha. Todos aplaudem complacentes e rindo. Mas todos sabem que é carnaval. Na quarta-feira de cinzas volta a ser doméstica, vestida de plebéia. Mais ou menos assim será o futuro da simbólica dos hierarcas, com pouquíssimas comunidades e com rninguados fiéis, mas cheios de títulos e símbolos de uma grandeza passada, definitivamente passada: funcionam com adereços carnavalescos.

E assim serão tratados com reverência e sorriso. A Igreja hierárquica não poderá ter semelhante destino. Ela deve ser um serviço a toda a comunidade cristã.

Mas não desespero da Igreja, por causa de Jesus e de sua causa. Sonho com o movimento de Jesus que atravessa a história e ganha mil formas e mil rostos conforme as regiões, as culturas, os grupos e as pessoas com suas afinidades espirituais. Podem até ganhar formas institucionais fortes, mas nunca com a pretensão de autofinalização e monopólio; articular-se-ão com outras formas e movimentos numa relação pericorética que encontra na Trindade seu modelo e inspiração. Ela levará sua oferta de sentido a todos os povos, junto e com outras tradições espirituais. Descobrirá que seu grande testemunho é a ressurreição do universo, da vida e de cada pessoa humana. Mas testemunhará uma pessoa ressuscitada, Jesus de Nazaré, no qual aconteceu esse evento bem-aventurado. Nele a vida chegou a sua máxima expressão. Não se trata de reanimação de um cadáver com marcas da crucificação. Mas da irrupção do *novissimus Adam*, uma revolução na evolução. O que implodiria no termo da história explode em seu meio para ser evento de esperança e de alegria. Jesus é apenas o primeiro entre muitos irmãos e irmãs. Todos seguiremos a ele, cada um de nós e todo o universo. Estaremos um dia vivos e transfigurados, os microorganismos, as estrelas, as plantas, os animais, os primatas, nossos avós ancestrais, os hominídeos e todos os seres humanos, juntos na grande casa da reconciliação e da bem-querença, no Reino da Trindade.

### Reverência à Cátedra de Pedro e a Cátedra de Galileu Galilei

Por causa de meu empenho na gênese de uma nova Igreja – eclesiogênese – tive que enfrentar a fúria das autoridades doutrinárias do Vaticano. No dia 7 de setembro de 1984 foi-me concedida a honra forçada de sentar na cadeira esquentada por Galileu Galilei. Antes de sentar nela, cumprimentei-a

com um solene gesto reverencial, coisa que irritou o Cardeal Inquisidor Joseph Ratzinger. Por três horas sofri o interrogatório dele, conduzido sempre com a elegância e a finura que os que detêm o poder e a decisão se permitem. Eles nunca perdem, sempre ganham, pois são eles que acusam, são eles que julgam e são eles que punem e perdoam. É sempre a mesma instância que faz tudo isso, o que contradiz o senso do direito de todas as tradições da humanidade.

No dia 1º de maio de 1985 recebi por telefone do Vaticano a punição: o silêncio obsequioso, pelo menos por um ano. Depois por um funcionário da Nunciatura de Brasília junto com o bispo local de Petrópolis, sem qualquer prévio aviso, foi-me passado o juízo sobre o meu livro *Igreja: carisma e poder*. Era um libreto impresso nas oficinas da Poliglota do Vaticano. Este juízo é singular. Nada se fala de heresia, sequer de algo próximo a heresia. Apenas se “declara que as opções analisadas são de natureza que põem em perigo a sã doutrina da fé”.

Estou em esplêndida companhia; as opções de Jesus, de São Francisco de Assis, do Papa João XXIII e de outros não poriam em perigo a sã doutrina da fé pela liberdade que se tomaram face a certas tradições e doutrinas da Igreja e face aos poderosos deste mundo e sempre em favor dos oprimidos? Mas acolhi com resignação e no espírito das bem-aventuranças as condenações do Vaticano, respeitando a cátedra de Pedro. Mais importante que defender minha biografia, importava naquele momento salvaguardar a eclesialidade da teologia da libertação e a legitimidade das comunidades eclesiais de base. Prefiro caminhar com a Igreja dos oprimidos do que sozinho com a minha teologia.

Não quero me deter no lado objetivo do acontecimento, mas no seu lado subjetivo como foi sentido por mim. Vivenciei-o com profunda serenidade, como quem se sabe na causa justa e verdadeira. Vivi a experiência testemunhada por Pablo Neruda, o grande poeta chileno e universal: é terrível e, ao mesmo tempo, reconfortante, representar por um instante as esperanças de toda uma porção da humanidade e dos cristãos que consideram essencial a liberdade e a libertação dos oprimidos.

Por outra parte, lá naquelas instâncias não estão os melhores quadros da Igreja. São simples homens, homens medíocres – ou porque o são por caráter e por isso se sentem bem dentro daquela instância, ou porque foram mediocrizados pela instituição como é o caso do Cardeal Ratzinger, outrora eminente teólogo e crítico da Igreja e da sociedade. Eles não estão à altura do simbolismo que aquelas funções significam. Seu único mérito é serem cheios de boa-vontade, que não é uma vontade boa para a Igreja e para a maioria das pessoas. E nunca se faz tão perfeitamente o mal como quando se faz de boa vontade, sentenciava sabiamente Blaise Pascal.

Na Páscoa de 1986 fui reabilitado. Reassumi as funções anteriores, mas sob severa vigilância das autoridades. Dificilmente um teólogo foi tão cerceado, pois para cada escrito tinha que ter a aprovação da autoridade franciscana, do bispo local e de um censor pessoal. Depois de todas estas censuras meus textos pareciam verdadeiras encíclicas, mas desfibrados de vigor e sem coluna dorsal.

Durante a Eco-92 no Rio de Janeiro foi-me comunicado pelo Ministro Geral da Ordem Franciscana que novamente deveria me recolher ao silêncio, não devendo lecionar teologia, nem dar entrevistas, nem publicar textos teológicos. A situação agora mudara. Não era mais o resultado de um processo doutrinário. Mas uma ação arbitrária. Era uma humilhação, que é um pecado. Citei as palavras de um bispo e teólogo franciscano inglês do século XIII ditas ao Papa que praticava extorsão contra os fiéis de sua diocese: “por me pressionarem resisto, protesto, acuso e me rebelo.”

Em conseqüência mudei para continuar o mesmo. Decidi trocar de trincheira mas não de batalha. Autopromovi-me ao estado de leigo e assumi a cátedra de ética e de ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pude continuar como teólogo, conferencista e escritor para o desencanto de muitas autoridades eclesiásticas que prefeririam ver-me como subgerente da Coca-Cola a membro da comunidade teológica. E assim começou para mim um novo tempo.

## Tempo da Profanidade e da Fragmentação

Entrei de corpo e alma no mundo da profanidade e da fragmentação. Coloquei-me no mesmo chão, junto com todos os mortais que têm que trabalhar para pagar sua casa, sua comida e os instrumentos de seu trabalho intelectual.

Associei-me a uma companheira que comungava e comunga do mesmo amor, do mesmo sonho e das mesmas lutas no meio dos pobres e oprimidos: Márcia Miranda. Feliz o homem, dizem as Escrituras, que tem alguém para se apoiar. Se cair alguém o segura. Mais ainda. Alguém que lhe revela dimensões escondidas de sua realidade e que funciona como parteira de você mesmo. É uma escola de convivência e de crescimento inestimável. Mesmo minha obra teológica recente não seria compreensível sem sua presença, colaboração e inspiração.

Descobri a anônima santidade de tantas pessoas que são solidárias, gentis, generosas. Que perdoam ou que carregam, caladas, feridas profundas no coração. Sem referir-se ao evangelho ou reportar-se a alguma referência divina. São simplesmente humanos. E por isso vivem o Deus incógnito, o verdadeiro e puro, porque não é nomeado e assim não é maculado nem manipulado.

Estou convencido de que o mundo continua com suas circunvoluções sem ser destruído porque tem esses intercessores sem-nome e sem-glória diante da Fonte de toda a vida e de todo o ser. Eles, sem querer, são os messias escondidos nos porões da humanidade, os redutores de toda maldade, os libertadores de todas as opressões.

A vida na profanidade é toda fragmentada. Vivemos o esquecimento da unidade sagrada de todas as coisas. A cultura nos obriga a isso. Por isso sofri com a perda da totalidade sagrada da vida na Igreja. Para mim ela é permanentemente recordada e atualizada pela música gregoriana e pelos hinos litúrgicos da páscoa, de pentecostes, de natal que cantarolo continuamente enquanto dirijo o carro ou me encontro sozinho.

Entrei no mundo – 1992 – num momento sombrio da história. Na Igreja vigora um rigoroso inverno. João Paulo II

romaniza, com determinação, toda a Igreja. Mediocriza os bispos e infantiliza os fiéis com a ilusória proposição de certezas, propaladas em encíclicas sem fim, longuíssimas e aborrecidas. Ao invés de desafiar os cristãos a viverem sua fé como risco de quem vai ao mar aberto para lá enfrentar as ondas perigosas, prefere retê-los aferrolhados no porto seguro das seguranças doutrinárias que convencem apenas aos já convencidos. Ai daqueles que erguem a voz da profecia e da liberdade! Conhecem o peso do báculo, usado mais contra as ovelhas do que contra os lobos. Esse Papa usou e abusou do cajado contra cardeais, bispos, padres, religiosos e religiosas e leigos e leigas. Ele nada sabe de misericórdia. Nada esquece, tudo cobra e a poucos perdoa. Com esse Papa o cristianismo se condena a ser uma coisa ocidental, cada vez mais acidental no conjunto da história da humanidade. Como resgatar o sonho de Jesus sem romper com a Igreja, que é mais que o pontificado de João Paulo II?

Se na Igreja vivemos sob rigoroso inverno, na sociedade mundial nos encontramos na idade de ferro da globalização. Esse fenômeno, em seu sentido mais profundo, significa um patamar mais avançado da história da Terra e dos filhos e filhas da Terra. Depois de um longo exílio, circunscritas em suas culturas regionais e nos seus estados-nações, as tribos da Terra estão voltando à casa comum. Todos se encontram num único lugar, no planeta Terra, nossa Grande mãe, Pachamama e Gaia. Caminhamos, céleres, rumo a uma única sociedade mundial. Daqui por diante formaremos uma única família, com uma única história, da espécie *homo sapiens e demens*.

Mas esse processo se realiza pelo seu lado pior que é mediante a globalização da economia capitalista. Ela é competitiva e não cooperativa. Por isso faz infindáveis vítimas entre as nações e as pessoas. Sacrifica os valores sociais nas aras dos interesses comerciais. Tudo se fez mercadoria, da erótica à mística. Mesmo assim, essa globalização mercantilista serve aos propósitos últimos do processo maior de globalização: criar as condições materiais e infra-estruturais necessárias (as cibervias das finanças, da comunicação e da informação) para as outras

formas de globalização realmente globalizadoras como a globalização pela política, pelas culturas e pelas tradições espirituais.

Tenho me ocupado muito com a globalização como jamais antes, procurando sempre resgatar o seu lado mais promissor. Esse processo demanda um novo paradigma de civilização e um novo padrão ético. Lentamente mas de forma consistente cresce por todas as partes uma consciência planetária. Sem ela jamais surgirá uma sociedade mundial com as instâncias gerenciadoras do planeta como um todo. Quase toda minha produção no tempo secular se inscreve dentro deste marco.

Aprofundei-me muito na ecologia. Ela surge para mim como a nova radicalidade, pois nela se discute o futuro do planeta, condição para todas as demais questões. Criamos o princípio da autodestruição de todos nós e da biosfera. Viver não é mais resultado das forças diretivas do universo, mas da vontade política dos seres humanos que devem decidir se querem continuar a viver. Em razão disso surge o princípio de co-responsabilidade e de co-pilotagem do destino da humanidade e da Terra. A questão axial não é: que futuro possui o cristianismo ou a aventura técnico-científica? Mas: que futuro possui a Terra e em que medida a tecnociência e o cristianismo, junto com as demais tradições espirituais, colaboram para garantir um horizonte de esperança para com a Casa Comum e todas as tribos que nela habitam? Desta vez não haverá uma arca de Noé que possa salvar alguns e deixar os outros perecer. Desta vez ou nos salvamos todos ou pereceremos todos.

Vejo que iremos fazer uma grave e perigosíssima travessia antes de atingirmos o novo tempo de paz perene com a Terra e de sinergia entre todos os povos. Os princípios que fundaram a civilização ocidental e que foram difundidos e até impostos a todas as demais culturas não conseguem desenhar um horizonte de esperança. O paradigma ocidental está assentado sobre a vontade de poder como dominação. Por força desta matriz o mundo foi conquistado, os povos diferentes submetidos e culturas destruídas. Criou-se o monoteísmo político e econômico do ocidente. Só vale o neo-liberalismo político e o mercado

econômico mundial. Ele revela seu rosto perverso na guerra da arrogância e da vergonha que se move contra a Iugoslávia.

Há um fato auspicioso e novo: intervir coletivamente nos estados-nações para salvaguardar a *dignitas* humana contra a torpe limpeza étnica. Mas a intervenção é feita no paradigma dominante de poder-dominância que implica o desrespeito a essa *dignitas* humana que se quer defender, pois se utilizam meios violentíssimos e altamente destruidores. Um fim digno exige mediações dignas.

Vamos ao encontro do novo milênio com a humanidade sob o império do *homo demens*, cheio de poder mas com parquíssima sabedoria. O cânone ocidental tem de ser superado para permitir um outro tipo de globalização benfeitora para os povos e a Terra. Mas no processo de sua depontenciação e superação milhões poderão ser sacrificados. Ao paradigma do poder-dominância devemos opôr o da re-ligação de tudo com tudo e colaboração de todos com todos.

É a ecologia como novo padrão de comportamento face ao ambiente inteiro e não apenas com o meio-ambiente que coloca a questão do novo paradigma e do salvamento da Terra. Tenho mostrado a profunda articulação existente entre teologia da libertação e ecologia integral. Importa não apenas libertar os oprimidos de todo jaez, pois eles gritam, mas também o grande Oprimido que é a Terra, porquanto ela também grita devido às agressões que sistematicamente recebe. Agora o propósito de libertação ganhou sua dimensão mundial e integral. Meu livro *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, traduzido para o inglês foi premiado como um dos 10 livros que em 1998 mais ajudaram no diálogo entre ciência e religião nos EUA.

Penso que a coisa mais ansiada e buscada hoje em dia não seja tanto a religião mas a espiritualidade. A espiritualidade tem a ver com a experiência de Deus, com a subjetividade e com a emoção. Pela espiritualidade percebemos as coisas re-ligadas umas às outras e à Fonte originária donde emergem e para onde confluem. A espiritualidade está ligada mais à

profundidade humana que às religiões. É ela que dá origem às religiões. No processo de personalização a espiritualidade desempenha um papel insubstituível, pois através dela o ser humano se sente parte e parcela do todo, vivencia-o carregado de significação e valor. É a partir da espiritualidade que tudo se transforma num sacramento, que os céus na sua imensidão cantam a glória de Deus e que as coisas e as pessoas ficam encantadas.

Nos últimos tempos minha principal produção intelectual se inscreve dentro da espiritualidade. Comparo-a a uma águia escondida dentro de nós que deve ganhar asas e voar. E ao voar nos carregar para o infinito de nosso desejo, para o coração de Deus que habita nas profundidades de nosso coração e do coração do universo. Sinto que essa seja a missão mais nobre e elevada do teólogo: por suas palavras, escritos e exemplos trazer à memória de todos a bem-aventurada presença de Deus em tudo o que existe e vive. Essa presença resplende dentro de nosso coração qual lâmparina sagrada que deve ser continuamente alimentada pelo óleo santo da oração, da reverência e da unção. Só assim impediremos que o Sagrado se obscureça e o ser humano se precipite no abismo.

Ao completar sessenta anos, sou pela expectativa média de vida dos brasileiros pobres, um sobrevivente e oficialmente um velho. O único problema importante de meu futuro é a morte. Com temor e tremor vou ao encontro dela como se vai ao encontro da bem amada. A morte é uma grande invenção da vida pela qual, ao dar um salto mortal, ela alquimicamente retoma o ciclo da vida num nível infinitamente mais alto, no nível do Divino e do Eterno. Estou nascendo há bilhões de anos. Morrendo acabarei de nascer para nunca mais morrer para continuar a evoluir no ritmo da dança divina, pelos séculos dos séculos, pela eternidade adentro e sem fim.

*Leonardo Boff*  
*Petrópolis, Festa de Pentecostes, 23 de maio de 1999*